

GT 14. Antropologia das Emoções

Maria Claudia Pereira Coelho (ICS/UERJ)

Ceres Victora (UFRGS)

Público, privado e íntimo na busca de parceiros nas mídias digitais

Iara Beleli¹

Parte desta apresentação se baseia em uma investigação em sites de relacionamento e aplicativos direcionados à busca de parcerias afetivas/amorosas/sexuais, privilegiando mulheres heterossexuais entre 30 e 50 anos que vivem no Estado de São Paulo. A reflexão me levou a uma questão recorrente no campo das mídias digitais, que remete à hiper-exposição nas redes sociais, perguntando sobre as (re)configurações de público, privado e íntimo. Nesse percurso, presto particular atenção na circulação de diversas moralidades, que parecem atreladas à articulação de diferenças marcadas no corpo – gênero, sexualidade, raça/etnia, localização, entre outras – que, nesse jogo lúdico, norteiam imaginações e emoções na escolha do par “perfeito”.

Na sequência, articulo uma segunda pesquisa, refletindo sobre a popularização da internet e a proliferação dos discursos de ódio. Por mais paradoxal que possa parecer, essa ideia surgiu quando terminava a pesquisa sobre as buscas amorosas de mulheres em sites de relacionamento e aplicativos, ao perceber que a inserção de classe, um importante fator na escolha do “parceiro ideal” se articulava à defesa ou rejeição a determinadas siglas partidárias.

Diferentemente das discussões candentes nas análises sobre as relações em rede – marcadas pelo estabelecimento de fronteiras entre o on-line e o off-

¹ Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp

line, que já delimitam universos distintos, apontando para uma relativa independência entre ambos – sigo as análises que afirmam o “forte entrelaçamento dos dois reinos” (Kendall, 1999:58) e as reflexões de Miller & Slater (2004), que apostam no *continuum* on/off-line, marcando que as propriedades da internet não lhes são inerentes. Menos do que marcar a separação on/off-line, o mais interessante é refletir sobre essa interação que, nesse entrelaçamento, cruza cenários políticos e moralidades.²

As matérias publicadas em jornais de grande circulação e os comentários exibidos nas redes sociais sobre a violência contra as mulheres, negros, homossexuais, pobres, não raras vezes, explicitam a desconfiança sobre as vítimas. O ativismo em rede tem contestado com vigor essa desconfiança que, creio eu, está na base da luta dos movimentos sociais contemporâneos.

Certamente, a internet propiciou a ampliação das denúncias e da visibilidade dos movimentos feministas. A produção de conteúdos horizontalizada tem questionado as notícias veiculadas pelas grandes corporações midiáticas, e não sem razão, é associada à democracia. De outro lado, essa ampliação deu lugar também à proliferação de discursos de ódio. A ânsia por uma exposição bem-sucedida na rede, com muitas curtidas, alçando os sujeitos ao protagonismo, reflete uma necessidade por reconhecimento, mas “o embate tende a se dar em um tribunal cujos termos, longe do direito, tendem ao julgamento moral” (Miskolci, 2017).

Esse embate parece anunciar o fim do “politicamente correto”. No entanto, menos do que apresentar argumentos contrários a determinadas lutas sociais, na maioria das vezes, as falas são regidas por desqualificações pessoais. Essa violência simbólica, recorrente na internet, afeta de muitas maneiras as

² A ideia de entrelaçamento, de *continuum*, tem sido apontada em várias pesquisas (Leitão e Gomes, 2011; Miskolci, 2015; Buchamar, 2011; Togni, 2011; Beleli, 2015), de modo que a dicotomia “real”/“virtual”, ainda muito utilizada, para pensar a internet como um “laboratório de experimentação e reconstrução do self” (Turkle, 1997:180), colocam questões sobre como essas experimentações, muitas vezes tomadas como menos “reais”, constituem identidades e subjetividades de pessoas e/ou grupos.

peças no trabalho, na família, na rua. A inspiração aqui é de Veena Das (1999), para quem a violência nas relações sociais, também expressas em “fofocas”, “maledicências”, causam “dor e sofrimento” e marcam posições de sujeitos.

Os comentários jocosos às fotos dos potenciais parceiros revelavam a rejeição à pobreza, imaginada pelo tipo de carro ou moto, do ambiente doméstico e mesmo de paisagens que se deixavam ver nas fotos (Beleli, 2015), frequentemente associada à cor da pele e fenótipos que remetiam à negritude. Outras rejeições se deixavam ver nas longas conversas on e off line, a exemplo das críticas às feministas, percebidas como mulheres que *querem ser iguais ou melhores do que os homens*, ecoando ideias reverberadas em variadas mídias.

Se a rejeição das minhas entrevistadas às feministas não pode ser entendida propriamente como um discurso de ódio, em vários momentos ecoa ideias anti-feministas, que desde 2012 tem ganhado espaço na Internet em páginas da web, blogs, grupos de discussão no facebook e vídeos do youtube. Nessas manifestações, ódio às feministas parece se constituir em um mesmo “campo discursivo de ação” que, segundo Sônia Alvarez (2014:19), *“se articulam discursivamente através de linguagens, sentidos, visões de mundo pelo menos parcialmente compartilhadas, mesmo que quase sempre disputadas, por uma espécie de gramática política que vincula as atoras/es que com elas se identificam”*.

Em tempos recentes, a visibilidade das lutas contra o sexismo, o racismo, a homofobia, entre tantas outras, tem gerado uma intolerância contra grupos em defesa de direitos, banalizando o ódio por aqueles percebidos como diferentes. É justamente esse cruzamento de cenários que amplia as questões, porque o ódio às feministas se alarga, ao serem vinculadas ao ódio ao PT e, conseqüentemente, a uma intolerância à pobreza e às várias manifestações culturais – Funk, Rap - associadas às classes menos favorecidas.

Ao final da pesquisa sobre busca de parcerias amorosas/afetivas sexuais pela internet, quando já se iniciava a campanha eleitoral, um outro filtro na eleição do parceiro ideal ganha força, *em quem ele vota?*. O que era explicado por várias interlocutoras da pesquisa como um modo de ganhar mais intimidade com o potencial parceiro. Vitória (36 anos, jornalista, branca, cabelos negros acima do ombro, auto referida como *descolada*) foi assertiva: *ah! se a gente já vai começar uma história brigando por causa de política não é bom... já tá difícil encontrar alguém para se relacionar a sério, então é melhor ir eliminando as divergências logo de cara...* (conversa via ms privada do facebook – maio de 2016).

A conversa com Vitória foi longa, o que permitiu perceber duas questões que se imbricam. A primeira remete à busca da felicidade, claramente pautada por encontrar um parceiro para uma relação duradoura, a segunda evoca um filtro que articula vários capitais (social, econômico, simbólico) às imaginações dos partidos considerados de esquerda, especialmente o PT, que ela rejeitava com veemência, acionando a produção da mídia *mainstream* e de parte dos conteúdos das redes sociais acerca da corrupção dos governos Lula e Dilma.

E este foi um primeiro sinal que me fez questionar as ambivalências entre o ser *descolada*, cujo significado para ela era *ser aberta ao mundo*, alguém que se dizia favorável às mudanças políticas e, ao mesmo tempo, questionava em parte a política de cotas em nome da meritocracia, falava das “comunidades/favelas” com muito respeito, sem deixar de apontá-los como *lugares perigosos*. Seu manifesto desagradado com o ritmo funk, também relacionado às classes menos favorecidas, era explicado por meio da “demasiada” *objetificação do corpo das mulheres*.

Ao falar da objetificação, Vitória volta para suas buscas de parceiros na internet, naquele momento, concentrada no *Tinder* e no *Happen*, escolhidos depois de um longo passeio por outros aplicativos, porque os candidatos lhe

pareciam mais de acordo com seu estilo de vida, diferente do *Me two*, que *tinha muito pobre*.

Suas reflexões sobre essa busca acionavam distintas emoções, marcadamente pautadas pela racionalidade da escolha. Desde o jogo lúdico da própria busca, passando pelas construções de si (Bayman, 2010), até as imaginações sobre os desejos dos parceiros em potencial. Para ela, os *homens não gostam de mulheres vulgares, não para um relacionamento sério*, cuja definição ganha outras adjetivações (peruas, piriguete³) que remetem novamente às mulheres que se deixam objetificar, maioria das vezes associadas à pobreza, e em menor grau a parte de certa classe media abastada, chamadas perojarivamente de “novo rico”.

As ambivalências, marcadas por uma profusão de emoções, articulam projetos pessoais e políticos. Ao final da nossa última conversa, realizada um pouco antes das eleições para Presidente, perguntei a Vitória sobre suas intenções de voto. De forma clara e consisa, ela respondeu: *meu voto é nulo, não gosto nem de um nem de outro, o Bolsonaro é um louco, mas acho que ele não vai fazer as barbaridades que está promentendo, Haddad é bonzinho, mas é do PT e esse não voto de jeito nenhum... bando de traidores!* Na justificativa mais alongada do seu voto para Senado, Deputado Federal, Estadual e prefeito, sua escolha parece ter sido pautada pelo voto em mulheres, mas *nenhuma do PT e também não nas feministas radicais*, definidas por ela como aquelas que ficam exibindo corpus nus em manifestações de rua, *isso não leva a nada e ainda querem respeito... sou feminista, mas não gosto desses radicalismos, ser feminista é defender as mulheres, mas como jornalista também quero saber o outro lado das denúncias, porque tem muita mulher produzindo denúncias pra se dar bem. E vc acha que homem vai querer se relacionar a sério com uma mulher dessas?*

³ Presente em diferentes produtos culturais, a *piriguete* tem tomado conta do cenário midiático como “uma formação discursiva e ideológica construída a partir do corpo, da roupa, da aparência e das atitudes e comportamentos” (Nascimento, 2012).

E justamente nessas declarações finais que a busca de parceiros associa projetos pessoais e políticos, mas destaco como a fala de Vitória apresenta várias conexões com os discursos anti-feministas⁴, acionando outras moralidades.

A fala de Vitória parece ter algumas associações aos discursos de ódio proliferados na página da web *Mulheres contra o feminismo*, cuja frase central é *orgulhosas e felizes de ser mulher*. As matérias publicadas na página MCF associam o feminismo a *uma ferramenta do mais puro marxismo cultural*, no interdito, do comunismo, e reafirmam: *A mulher não é burra. Não precisa de uma cartilha ou pauta do que deve defender para ser mulher. Não precisa de Femen, marcha das vadias e ninguém ditando um manual do que é ser mulher... conte-me como mostrar os peitos vai mudar o mundo*. Um dos argumentos mais presentes é o que chamam de *jogo feminista "vitimista-mulher forte"*⁵ associando, esse *forte apelo coletivista*, ao MST e o movimento GLBT.

Os significados da operacionalização das diferenças nos discursos de ódio, no geral, imbuídos de moralidades que servem à manutenção do que acreditam ser a ordem social, podem ser relacionados à popularização das novas tecnologias. O alargamento dos debates, e aquilo que muitos tem denominado de retrocesso, estava em processo de incubação e, nos últimos anos, encontrou uma ferramenta que permite veicular quaisquer ideias sem se responsabilizar por elas ou, ainda, testar propostas extremamente conservadoras.

⁴ Ressalto que a definição de feminismo radical, uma clara menção às *marchas das vadias*, não estabelece conexões com aquelas que se denominam feministas radicais, a exemplo de Elisa Sami, uma de suas expoentes no Brasil, que incluem as profissionais do sexo, a pornografia e as mulheres que participam de práticas sado-masoquistas como vítimas da "cultura do esturpo". Esse termo que voltou com força à cena midiática *mainstream* e nas redes sociais com o estupro coletivo ocorrido em 2016 no Morro da Barão, Rio de Janeiro, ver Beleli, 2016

⁵ Vale ressaltar que a vitimização das mulheres tem sido contestada por pesquisadoras feministas em contextos do mercado do sexo (Piscitelli, 2006), das práticas sadomasoquistas (Gregori, 2016; Facchini; Machado, 2013) e da indústria pornográfica (Benitez, 2009)

Se a internet tem propiciado associação de grupos que contestam moralidades arraigadas, como mostra Carolina Branco (2015), no *continuum* on e off-line circulam diferentes ideias e proposições que vinculam estados emocionais, contagiando tanto coletivos em busca de rupturas, como aqueles que seguem ideários anti-feministas. Cheguei a pensar se página MCF não era uma “pegadinha”⁶, mas a noção de como deve ser a sociedade, pautadas por discursos de ódio mais escancarados, tem sido veiculados na internet, mais do que eu poderia, ou gostaria de, supor, especialmente nesses tempos sombrios. A questão da violência contra as mulheres é abordada como um mito inventado pelas feministas. Os homens, diz um dos posts, *não podem ser pensados como potenciais estupradores porque alguns criminosos estupram...* crime deve ser tratado como crime, não importa quem é a vítima, uma ideia que abarca mulheres, negros, homossexuais, pobres, imigrantes... entre tantas outras categorias de diferenciação.

E não se tratam apenas dos *haters* ou daqueles que por motivos políticos e/ou ideológicos se dedicam a propagar um modelo de sociedade, cujas relações de poder continuam a pautar modos de viver para os que são pensados como diferentes. A estes se somam pessoas comuns que percebem as feministas como impulsionadoras do caos, porque colocam em questão essas mesmas relações de poder. O ódio às feministas aparece estreitamente associado ao ódio ao PT e aos partidos que tem em sua plataforma a defesa de direitos, cuja normalização da violência contra as mulheres tem sido ampliada pela produção de conteúdos na internet, em uma miríade que vai da contestação dessa violência à desqualificação das pessoas/grupos que esmiuçam os motivos dessa violência. Para esse tipo de produção, as feministas - novas bruxas do século XXI - são simbolicamente queimadas pelas fogueiras que

⁶ Os sinais começavam a ser dados para mim em 2016, mas a página foi criada em 2012 e, coincidentemente ou não, desde outubro de 2018 não há nenhum post adicionado, o que me faz pensar que já em 2012 estava sendo articulada a campanha por um candidato que oferecesse apoio às ideias aí veiculadas.

renascem das cinzas do conservadorismo, nomeando as lutas sociais empreendidas desde o século XIX de *mimimi*, “vitimismo”, reforçando a ideia de que as mulheres tem um lugar social e este não é o que ela quiser, mas o que se adequa à sustentação da família heterossexual, pensada como a base da construção do que acreditam ser uma boa sociedade.

Esses conteúdos estão claramente associados à política. Inúmeros comentários aos posts da página MCF defendem a candidatura Bolsonaro, como aquele que melhor entende o significado da força da família, da moral e dos bons costumes. Essas produções, menos do que problematizar moralidades, reificam ideias sobre a ordem social, que se contitui na família. Não por acaso, em várias tramas novelísticas, as vilãs morrem ou terminam sós, amarguradas! Para muitos, o destino das feministas. Não por acaso, há um aumento da exposição de fotos íntimas de mulheres comuns nas redes sociais, sem seu consentimento, e não por acaso, os perpetradores dessa violência são poucos citados nas matérias jornalísticas, cujos comentários recaem sobre a dúvida sobre a moral de quem se deixou fotografar, transformando a vítima em ré, como aponta a pesquisa de Daniela Orsi, retomando a ideia pioneira de Mariza Corrêa sobre os crimes de honra, um legado que inspirou muitas pesquisas sobre violência contra as mulheres.

Também circularam pelas páginas do MCF adesões à castração química, defendida com veemência pelo Deputado Jair Bolsonaro, agora nosso futuro presidente, um dos políticos mais contestados pelos movimentos feministas e LGBT por suas propostas retrógradas, entre elas a retirada das discussões de gênero e sexualidade nos Planos de Educação. Parte dessas pautas são acionadas pelas feministas autointituladas “radicais” que, ao combater a prostituição, o turismo sexual, a pornografia, cujas moralidades aí submerses são justificadas pelo rechaço à objetivização dos corpos femininos, como o faz Valéria.

Esse é o imblóglio! No *continuum* on e off-line circulam diferentes ideias e

proposições que, até porque vinculam estados emocionais, podem contagiar tanto coletivos em busca de rupturas, como tem feito e com sucesso, mas também permitem a mobilização de ideias que, se antes achávamos retrogradadas, agora nos parecem catastróficas. Continuo acreditando na continuidade da interpelação social, como fizemos em diversos âmbitos desde meados da década de 1970, no cenário atual que ameaça várias conquistas realizadas, especialmente nos contextos percebidos como de violência, geralmente associados a corpos marcados por gênero, raça/cor, localização, entre tantas outras imaginações que levam ao reducionismo das classificações, aparentemente um *modus operandi* das ideias normativas das *mulheres contra o feminismo*. Vale lembrar que as classificações recorrentemente acionadas no processo eleitoral - comunista, feminista, esquerdista, petista – são mais palatáveis ao público em geral, que parece se ater mais aos títulos do que aos textos! Assim Bolsonaro ganhou as eleições - entre a rejeição ao PT e a crença de que o candidato não colocaria em prática ideias tão estapafúrdias, como justifica Vitória - a partir de vários grandes títulos, tendo como centro afastar o perigo do comunismo, que pode ser resumido em uma volta à moral, à família, à tradição, claramente pautada pela heteronormatividade.

Nesse sentido, os limites entre estratégias e capturas políticas são estreitos, o problema é que, de formas muito distintas, agora cresce para todos os lados, e não me refiro aqui apenas às divisões esquerda/direita, mas como as moralidades, que poderiam ser percebidas como de direita, tem sido acionadas por sujeitos que pensávamos estar no campo da esquerda. Por isso, se tivesse que resumir em um título esta apresentação seria nossa bolha furou!

Tento agora uma reflexão ensaística sobre as relações entre público, privado e íntimo. Uma das minhas interlocutoras da pesquisa sobre busca de parcerias amorosas/afetivas/sexuais me disse, em 2014: *procuro um homem com que*

possa dividir minha intimidade. Esse era o “homem certo” para ancorar o projeto de um relacionamento duradouro. Mas, afinal, o que é intimidade? Para Leonor (ARFUCH, p. 241) o “íntimo” se articula entre as esferas do público e do privado, ambas sociais e políticas, como referendam os feminismos da segunda onda - “o pessoal é político”. A ideia de proteger o íntimo - intangível - das normas de conduta remete a uma “autonomia radical”, mas sua narração, que associa corpos, imagens e objetos, oferece certa tangibilidade ao que antes era pensado como fora do alcance de outrem. A Internet permitiu o estabelecimento de redes que aprofundaram os contatos na esfera da intimidade, do desejo, que começou a se desenvolver por meio das interfaces sócio-técnicas. Essas transformações associam o uso individualizado dos equipamentos de comunicação digital com a ampliação e a politização de vida privada. O que acontece quando os próprios sujeitos produzem os conteúdos? Ou se “produzem” para o mercado amoroso? Quais discursos/imagens são acionados? Ou, ainda, como o poder sobre a informação, inclusive como produtor de conteúdos, possibilita a ampliação da circulação de diversas moralidades, incluindo não só a publicização da intimidade - “intimidade pública” (ARFUCH, 2005) - como sua especularização, o que reatualiza o argumento de Guy Debord (1998) de que as relações são mediadas por imagens.

Implícita ou explicitamente, as leituras das imagens que circulam ideias sobre feminismo e feministas, espetacularizam aquilo que pensam ser a intimidade, expondo divergências e ódios a determinadas ideias, sempre atravessadas por moralidades. Nesse sentido, à politização do privado, largamente discutida pelas teorias feministas, agrega-se a politização da intimidade, novamente acionando uma moralidade que remete ao lugar das mulheres na sociedade, como fazem as apoiadoras das *mulheres contra o feminismo*. De outro lado, mesmo que reconheçam distintas feminilidades, como faz Vitória, suas reflexões em algum ponto fazem parte de um mesmo campo discursivo de

ação, ao escancarar seu repúdio às exposições de corpos nus como manifestação política, evocando outras moralidades, seja porque pensa isso mesmo, seja como construção estratégica de si para encontrar um par ideal.⁷ Ideias sobre público, privado, íntimo são apenas ecos de um discurso que se propaga, como aponta Joan Scott (2002), mas seus significados para os sujeitos ordinários podem guardar distância considerável das discussões empreendidas na academia. Um bom exemplo são as palavras mobilizadas pelas anti-feministas – marxismo cultural, comunismo, feminismo - que vão dando forma e conteúdo a esses conceitos. Como aponta Maria Cláudia Coelho (2010:78): “o real não preexiste ao que é dito sobre ele, mas, ao contrário, é formado por aquilo que se diz sobre ele”.

Não se trata de propor um recuo ao que temos realizado até aqui e com sucesso, mas parece que agora seremos obrigados a sair de nossa bolha, de falar mais do mesmo para os mesmos, prestando particular atenção aos sinais que nossos campos de pesquisa apontam. Conheci Vitória há algum tempo e mesmo em suas ideias ambivalentes acerca de vários projetos para a sociedade brasileira não me levavam a investigar mais a fundo o que ela entendia por feminismo, assim como, no processo eleitoral tive outras surpresas com amigos da Unicamp que também votaram nulo com os mesmos argumentos de Vitória, mas diferente dela, ao invés de argumentos, pautam-se por irônicas desqualificações pessoais, provocando o riso fácil, incontido, irrefletido, até porque se sentem protegidos por esse humor e, por vezes, pelas telas dos smartphones, tablets, computadores, que, dependendo da reação do interlocutor, sempre pode ser amenizado com a clássica frase *eu estava brincando*, argumento que tem sido utilizado por sujeitos comuns e agentes do Estado nas variadas mídias e redes sociais.

⁷ Como aponta Paula Sibilia (2015), a cobertura dos eventos produzidos pela Marcha das Vadias, não só no Brasil, parece ignorar os significados das palavras de ordem desse movimento, e apostam naquilo que chama a atenção dos telespectadores - os seios à mostra.

Vitória e as anti-feministas não entram nessa chave da brincadeira, se a primeira mostra sinais sobre seu entendimento social binário, as segundas projetam o social a partir dos binarismos, que não devem ser questionados, *para tirar a sociedade do caos causado pelos governos do PT*, erradicando os males do comunismo, congregados em muitos istas (feminista, petista, marxista). Mas o mais interessante aqui é pensar que sujeitos identificados como feministas, marxistas, se rendam ao mal que os governos do PT fizeram ao Brasil, adicionando ideias de que as sexualidades, em estreita relação com o que pensam ser intimidade, não devem ser problematizadas na academia, pois trata-se de foro íntimo. E agregamos aí uma antiga batalha que pensávamos vencida, explicar que nossas pesquisas são produção de ciência. Para finalizar, inspirada em Patricia Pietro-Blanco e Maria Schreiber (2016), tentei pensar como intimidade e (des)afeto são constituídos e negociados por meio das novas tecnologias de comunicação, destacando a dimensão emotiva da comunicação mediada, especialmente em tempos de produção cada vez mais horizontalizada, reiterando o mote do feminismo de segunda onda – o pessoal é político, ou como dizem as autoras, “nunca o pessoal foi tão político” (id.ib:2). Seguindo outra linha, não explorada aqui, seria necessário, ainda, refletir sobre as afirmações de Bila Sorj (2016): “o político nunca foi tão pessoal”.

Referências bibliográficas

ARFUCH, Leonor. “Cronotopías de la intimidad”. In: _____. *Pensar este tiempo. Espacios, afectos, pertenencias*. Buenos Aires/Barcelona/México: Paidós, 2005.

BAYM, Nancy K. *Personal Connections in the Digital Age*. Cambridge: Polity Press, 2010.

- BELELI, Iara. "O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais". *Cadernos Pagu* (44), Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, p. 91-114, 2015.
- BENITEZ, Maria Elvira Diaz. *Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2009.
- CASTRO FERREIRA, Carolina Branco de. *Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo*. *cadernos pagu* (44), janeiro-junho de 2015, pp.199-228.
- COELHO, Maria claudia . *Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções*. *Mana*, vol.16, no 2, 2010, p. 265-285.
- CORRÊA, Mariza. *Morte em Família*. Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- DEBORD, Guy. *Sociedade do Espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.
- FACCHINI, Regina; MACHADO, Sarah Rossetti. "Praticamos SM, repudiamos agressão": classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. *Sex., Salud Soc.*, no 14, Rio de Janeiro, 2013, pp.195-228.
- GREGORI, Maria Filomena. *Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.
- KENDALL, Lori. Recontextualizing "Cyberspace": Methodological considerations for on-line research. In: JONES, Steve. *Doing Internet Research: Critical issues and methods for examining the Net*. Londres, Sage, 1999, pp.57-74.
- LEITÃO, Débora K. e GOMES, Laura G. "Estar e não estar lá, eis a questão": pesquisa etnográfica no Second Life. *Cronos - Revista do Programa de Pós - Graduação da UFRN*, Natal-RN, vol. 12, no 2, 2011, pp.23-38.

- MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cybercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, ano 10, nº 21, Porto Alegre, jan/jun. 2004, pp.41-65.
- NASCIMENTO, Clebeminton. *Pagodes baianos: entrelaçando sons, corpos e letras*. Salvador, EDUFBA, 2012.
- PRIETO-BLANCO, Patricia e SCHREIBER, Maria. Together While Apart? Mediating Relationships and Intimacy. *Networking Knowledge* 9(6), Dec. 2016.
- PISCITELLI, Adriana. Mercados do sexo. 2016
- _____. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, vol.11, nº2, jul/dez. 2008, pp.263-274.
- SCOTT, Joan. Fantasy Echo: História e a Construção da Identidade. *labrys, estudos feministas*, número 1-2, julho/dezembro 2002 [http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/]
- SIBILIA, Paula. “A nudez autoexposta na rede: deslocamentos da obscenidade e da beleza?”. *Cadernos Pagu*, n. 44, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 2015, pp. 171-198.